

# EDUARDO MASCARENHAS: Psicanálise adaptada à realidade tropical brasileira

**Por: Lauro Arruda Câmara Filho**

Eduardo Mascarenhas nasceu no Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1942. Graduado em medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com formação pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), Eduardo trabalhou para popularizar as idéias freudianas através dos meios de comunicação de massa, em programas como *TV Mulher (Globo)*, *Sem Censura*, *Jornal da Manhã e Interiores (TVE, atual TV Brasil)* e *Bate-boca (Manchete)*. Nos artigos que escrevia para os jornais *Última Hora* e *O Dia* e para as revistas *Cláudia* e *Contigo*, reunia farto material para os seus livros. O primeiro da trilogia psicanalítica, lançado em 1985, entrou rápido na lista de best-sellers: *“Emoções no divã de Eduardo Mascarenhas”*. Em 1986, lançou *“Costela de Adão-Cartas a um Psicanalista”* e em 1990 *“Alcoololismo, Drogas, e Grupos Anônimos de Ajuda Mútua”*. Em 1994, lançou mais um livro, *“Brasil, de Vargas a Fernando Henrique”*, sobre a vida política e econômica brasileira.

Foi um grande popularizador da psicanálise no Brasil, e por isso foi muito criticado pelo meio psicanalítico ortodoxo, na época bastante elitista. Entretanto, seu texto, apesar de ser fácil e popular, estava longe de ser superficial. Junto com o Psicanalista Hélio Pellegrino, denunciou a conivência do então presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise com Amílcar Lobo, médico acusado de participação nas torturas praticadas durante o regime militar. Por isso, os dois foram expulsos daquela associação.

Envolvente, charmoso, alegre e inteligente, fez sucesso com as mulheres. Foi casado por quinze anos com a também psicanalista Ana Lúcia Magalhães Pinto, com quem teve as filhas Manuela e Luisa. Depois casou-se a atriz Christiane Torloni. Na sua última década de vida, era casado com a coreógrafa Regina Miranda, com quem teve a filha Antônia.

Quando resolveu ingressar na cena política, o fez de corpo e alma. Recebeu o apoio de amigos, entre eles a mulher, Christiane Torloni, e o ex-sogro, Magalhães Pinto. “Ele sempre me dizia que eu ia acabar entrando na política. Ele é um liberal clássico, enquanto sou um intelectual de esquerda, um socialista democrático”, afirmou Eduardo, em entrevista. Na ocasião, Torloni pontuou: “Ele, há muito tempo, inconscientemente, era um político porque trabalha com a felicidade do ser humano”. Filiou-se ao PDT em 1989, pelo qual foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro em 1990, chegando a ser vice-líder da bancada do partido na Câmara. Mudou para o PSDB em 1993, por onde foi reeleito deputado no ano seguinte. Apresentou projetos sobre a reforma psiquiátrica, mas não conseguiu terminar o segundo mandato, por ter falecido de câncer em 29 de abril de 1997, aos 54 anos.

No ano em que completou uma década de sua morte , foi lançada a coletânea **“Faces do Amor: Escolhas, Desejos e Outras Inquietudes”** . Mascarenhas ficou conhecido por desvendar os conflitos da alma em linguagem fácil e bem-humorada. As 35 crônicas reunidas nesta obra focalizam o mais popular e inquietante de seus temas: o relacionamento amoroso. Com visão aguda, leveza e disposição para enfrentar polêmicas, o psicanalista oferece ao leitor comum material para refletir sobre questões espinhosas, como homossexualidade, complexo de Édipo, incesto, narcisismo, ciúme, posse, frigidez, sadismo e masoquismo, entre muitas outras inquietudes.

“O Eduardo tinha um extraordinário senso de humor, era uma pessoa original, com um olhar super-revelador sobre a vida e sobre as pessoas. A convivência com ele era divertidíssima, enriquecedora e revolucionava conceitos e visões dos que estavam a sua volta”, rememora a ex-mulher Ana Lúcia, coordenadora geral do Polo de Pensamento Contemporâneo (POP), no Jardim Botânico. Amava o Rio, as praias cariocas, o frescobol e, sobretudo, prostrar-se com os amigos no bar. Os mais caros eram o jornalista e cineasta Arnaldo Jabor e os psicanalistas Fábio Lacombe, Carlos Alberto Py e Hélio Pellegrino, com quem tinha um parentesco adquirido, já que este fora casado com uma prima dele. Teve consultórios em Botafogo e Ipanema, por onde circulavam estrelas e socialites. Falava inglês com fluência conquistada ainda na juventude, quando estudou em Boston, nos Estados Unidos, e viajava mais a trabalho do que para se divertir ou descansar. Entrou para a história como alguém que acreditava na psicanálise ao alcance de todos, “adaptada a uma realidade morena, brasileira e tropical”, como gostava de dizer.

### **O pensamento de Eduardo Mascarenhas sobre a doença ALCOOLISMO:**

“Alcoolismo não é um vício, é uma doença. É preciso que a gente perceba essa sutil diferença, porque ela acaba criando as maiores confusões. Vício é uma palavra que traz em si uma série de significações negativas, depreciativas e completamente injustas com pessoas que tiveram a infelicidade de sofrer a doença. Poderia ser diabetes, hipertensão, reumatismo, só que é alcoolismo. Se o vício, por um lado, recebe um aspecto correto do alcoolismo, que é a compulsão irresistível de beber, por outro estigmatiza o alcoólico como um fraco de caráter. Ora, convenhamos, não é nada disso. Ninguém se torna alcoólico porque quer, torna-se alcoólico simplesmente porque apesar de todos os mais sinceros e comoventes esforços, não consegue deixar de beber.

Poder-se-ia argumentar, então, por que começou a beber? Ora, quem aos 15 anos não começa a tomar seus chopinhos depois da praia, seu cuba libre nas festinhas, sua caipirinha de vodka ou cachaça, seus vinhozinhos no natal? Se tiver mais grana, quem não tomará seu champanhe na passagem do ano? Seu uísque no baile? Quem iria adivinhar que, anos depois, se tornaria

um alcoólico? Deixemos, pois, de ser hipócritas e de sair pichando, estigmatizando os outros por suas dificuldades.

Se o alcoólico bebe, não é por falta de vergonha na cara. Bebe descontroladamente porque possui uma doença que pode acometer qualquer um: o alcoolismo.

Se 87% de nós jamais beberão descontroladamente, 13% o farão. Tudo muito lotérico. É mais fácil se tornar alcoólico do que acertar no bicho. É infinitamente mais fácil do que acertar na quina da loto. Portanto, mais delicadeza no nosso julgamento não fará mal a ninguém. Inclusive a nós mesmos, pois quem com julgamentos apressados fere com julgamentos apressados poderá ser ferido.”